

HOMICÍDIO VERDE

Daniel Cardoso Alves¹

Pare!

A placa vermelha dá o alerta, mas o sangue é verde

Jorra e ninguém vê, finge que não vê, não quer ver o verde morrer

A letra branca da placa engana, não é de paz

A verde morte tem sentido liberado

As placas cumprem o discurso ineficaz

O verde do caminhão atenua o crime

Mas a serra que se vê o denuncia, não é colina

Ela mata, odeia mata, é voraz

Morte decidida, programada

Verde caminhão que passa na hora marcada

Tão logo a verde e vívida folha será arrancada,
esmigalhada, triturada...

Vira lixo e será levada

Seu verde sangue escorre, é derramado

Em plena luz do dia, homicídio legalizado

Ninguém faz nada, fim determinado

Verde morto banalizado

Sem direito a choro, planto de novo

A pequenina muda cresce e vira árvore outra vez

Mas o prenúncio que reina é o da insensatez

O verde caminhão cíclico retorna

Gosta de árvore morta



Fonte: Daniel Cardoso Alves (2022)

¹Universidade do Estado de Minas Gerais, professor, orcid.org/0000-0002-1597-5180, daniel.alves@uemg.br.

Volta e com afiada serra o galho corta

Se nascer de novo, volta mais uma vez e mata a raiz

Pois o fim é a rua infeliz

Sem verde e nua

Cinza, triste e crua